

Filósofos e Ensaístas Ingleses



DOS SÉCULOS XVIII E XIX:

UMA ANTOLOGIA

Organizadores:

Sandra Sirangelo Maggio

Leonardo Pogliá Vidal

Lis Yana de Lima Martínez

editora



Boswell - John Dryden - Jonathan Swift - Joseph Addison - Leigh Hunt - Mary Wollstone-
craft - Oliver Goldsmith - Percy Bysshe Shelley - Richard Sheridan - Samuel Johnson - Samuel Taylor
Coleridge - Thomas de Quincey - Thomas Paine - William Blake - William Congreve - William Goggin -
William Hazlitt - William Wordsworth - Alexander Pope - Benjamin Franklin - Charles Lamb - Daniel
Defoe - David Hume - Edmund Burke - James Boswell - John Dryden - Jonathan Swift - Joseph Addison -
Joseph Banks - Leigh Hunt - Richard Dadd - Shelley - Richard
Blake - Pope

Equipe de Revisores:

Aline Peterson dos Santos
Ana Karina Borges Braun
Andréa Ferrás Wolwacz
Arthur Maia Baby Gomes
Bruna Vieira Dorneles
Caroline Navarrina de Moura
Claudio Vescia Zanini
Daniel Maggio Michels
Débora Almeida de Oliveira
Deborah Mondadori Simionato
Fabian Quevedo da Rocha
Jorge Luís Adeodato Jr.
Leonardo Pogleia Vidal
Letícia da Silva Vitória
Lis Yana de Lima Martinez
Luana Campara Talasca
Marcela Zaccaro Chisté
Maria Izabel Velazquez Domingues
Martin John Fletcher
Monica Chagas da Costa
Murilo Ariel de Araújo Quevedo
Rafael Campos Oliven
Raynara Karenina Veríssimo Correia
Tiago Kern do Amaral
Valter Henrique de Castro Fritsch

Comissão Editorial

Débora Cristina Marini
Giulia Rotava Schabback
Jéssica Paula Szewczyk Garcia

Ilustrações:

Leonardo Pogleia Vidal

Organização

Sandra Sirangelo Maggio
Leonardo Pogleia Vidal
Lis Yana de Lima Martinez



Filósofos e Ensaístas Ingleses
dos Séculos XVIII e XIX:
Uma Antologia

Organizadores:

Sandra Sirangelo Maggio
Leonardo Pogleia Vidal
Lis Yana de Lima Martinez

editora
ZO
UK

copyright © 2024 Sandra Sirangelo Maggio;
Leonardo Pogleia Vidal & Lis Yana de Lima Martinez

Projeto gráfico e Edição: Editora Zouk
Capa: Leonardo Pogleia Vidal

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(BENITEZ Catalogação Ass. Editorial, MS, Brasil)

Elaborado por Aline Grazielle Benitez – Bibliotecária - CRB-1/3129

F524

1.ed. Filósofos e ensaístas ingleses dos séculos XVIII e XIX [livro eletrônico]
: uma antologia / organizadores Sandra Sirangelo Maggio, Leonardo Pogleia
Vidal, Lis Yana de Lima Martinez. – 1.ed. – Porto Alegre, RS : Editora Zouk,
2024.

70Mb; ePUB.

Vários autores.

Bibliografia.

ISBN 978-65-5778-102-9

1. 1. Ensaíos. 2. Literatura inglesa – Crítica e interpretação. 2. Literatura
inglesa – História e crítica. I. Maggio, Sandra Sirangelo. II. Vidal, Leonardo
Pogleia. III. Martinez, Lis Yana de Lima.

11-2024/41

CDD 823

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura inglesa 823



direitos desta edição reservados à

Editora Zouk

r. Cristóvão Colombo, 1343 sl. 203

90560-004 - Floresta - Porto Alegre - RS - Brasil

f. 51. 3024.7554

www.editorazouk.com.br



Samuel Taylor Coleridge

Claudio Vescia Zanini¹²²

O que liga as *Baladas Líricas*, marco da literatura romântica inglesa de 1798, ao álbum *Powerslave*, lançado pela banda de *heavy metal* Iron Maiden em 1984? A resposta é o poema “The Rime of the Ancient Mariner”, traduzido para o português como “O Conto do Velho Marinheiro”, de autoria de Samuel Taylor Coleridge (1772-1834).

Quando William Wordsworth (1770-1850) publicou sua primeira edição de *Baladas Líricas* no ano de 1798, ele certamente desejava que esse trabalho fosse lembrado por gerações posteriores. Grande parte disso deve-se, sem dúvida alguma, ao desejo de ver seu nome incluído na galeria dos grandes. Sim, afinal de contas, as *Baladas Líricas* eram quase que 100% de sua autoria – falando em termos estritamente matemáticos, a edição em volume duplo de 1800 conta com 60 poemas, 55 dos quais de autoria de Wordsworth; em outras palavras, quase 92% da obra é de fato sua.

O que ele jamais antecipou, entretanto, foi a forma como a obra ficaria famosa. Quando decidiu incluir poucos poemas de Coleridge “a título de variedade”, Wordsworth provavelmente pensava estar fazendo um favor a seu grande amigo; entretanto, o que ocorre é que hoje Wordsworth é mais reconhecido pelas reflexões e diretrizes artísticas do romantismo que ele propõe no prefácio de *Baladas* do que por sua poesia propriamente dita – não que isso não seja

122 Professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

significativo, ao contrário: seu nome é estudado hoje globalmente, especialmente quando o tema é romantismo inglês. Wordsworth necessariamente se encontra nos compêndios de literatura, ao lado do Sr. e da Sra. Shelley, de Lord Byron, de William Blake, e de outros artistas da pena de alta relevância. Mas, no fim das contas, foi Coleridge quem acabou tendo confirmada sua reputação como grande poeta pelo que se vê nas *Baladas* – ainda que não compartilhasse de muitas das crenças estéticas de seu amigo “dono” da obra.

Nascido na cidade rural de Ottery St. Mary, Coleridge estudou em escolas católicas, onde despontou como aluno exemplar e leitor contumaz. Entretanto, o passar do tempo e a natural chegada à universidade em 1791 parecem ter desestimulado o jovem, que em suas duas tentativas de concluir o ensino superior acumulou inúmeras dívidas devido a seus vícios em bebida e ópio, algum radicalismo em suas ideias político-religiosas, e nenhum diploma.

A amizade com Robert Southey (1774-1843), iniciada em 1794, calcou-se nas semelhanças entre eles: ambos eram jovens, tinham pouca vontade de continuar a educação formal, apresentavam aspirações poéticas (e de fato, mas tarde se tornariam poetas de renome) e eram admiradores dos ideais republicanos oriundos da Revolução Francesa, que então se desenrolava (1789-1799). Da troca de ideias entre os dois surgiram textos panfletários que apresentam a noção de Pantisocracia, regime político idealizado por ambos que em muito lembra o comunismo, e o casamento a contragosto de Coleridge com Sara Fricker, irmã da noiva de Southey. A chegada na casa dos vinte anos e o casamento frustrante levaram ao esfriamento quase que total das convicções políticas e religiosas de Coleridge, que mais tarde tornou-se um anglicano conservador.

Em 1795 ocorreu o primeiro encontro com Wordsworth, a quem Coleridge notadamente chamou “o melhor poeta de sua era”. O que se pode depreender da correspondência trocada por Coleridge com diferentes pessoas até a década de 1820 é que a relação entre eles era pautada pelas diferenças artísticas e pela dependência afetiva que Coleridge tinha de Wordsworth, que, de acordo com a biografia de Richard Holmes de 1999, estimulava os comportamentos viciosos e destrutivos de seu amigo.

Os vícios, as questões mal resolvidas e a baixa autoestima que os biógrafos apontam unanimemente contribuíram para a criação artística de Coleridge. Seus maiores poemas são “The Rime of the Ancient Mariner” (1797), “Kubla Khan” (1798) – estes dois incluídos nas *Baladas Líricas* – e “Christabel” (1800). Este último descreve o encontro da jovem Christabel com Lady Geraldine, mulher mais velha e misteriosa. Entre um banho no lago à luz do luar e algumas

taças de vinho tinto, percebe-se a sedução exercida por Geraldine sobre a jovem Christabel, o que faz com que o poema se afilie a uma tradição literária de vampiros que tem como expoentes maiores *Drácula*, publicado por Bram Stoker em 1897, e *Carmilla*, conto de Sheridan Le Fanu escrito em 1872. Como o conto de Le Fanu é assumidamente uma influência na criação de Stoker, e a imagética de *Carmilla* é obviamente semelhante àquela de “Christabel”, podemos reconhecer a presença de Coleridge no DNA da mais famosa história de vampiros de todos os tempos.

Já “Kubla Khan” é, dentre os três poemas citados, aquele onde a influência das substâncias tóxicas é mais notada: doente e sob a influência de ópio, Coleridge adormeceu profundamente em uma determinada noite de 1797. Imediatamente antes desse sono, ele estava lendo o livro do geógrafo inglês Samuel Purchas, com referências às viagens de Marco Polo e a Xanadu, cidade que abrigava o opulento palácio do imperador mongol Kublai Khan. Ao acordar, as imagens de seu sonho – o palácio, Kublai Khan, a cidade Xanadu, o Monte Abora, os Tártaros – foram transformadas em fragmentos do poema, que com o passar do tempo ganhou forma. Sua versão final foi publicada em 1816, em uma coletânea intitulada *As Dores do Sono (The Pains of Sleep)*.

Finalmente, há “The Rime of the Ancient Mariner”, a *pièce de résistance* de Coleridge. O poema descreve um velho marinheiro que aborda três convidados de um casamento na porta de igreja a fim de lhes contar uma história que lhe trouxe intensa sabedoria. Os convidados não querem ouvir a história, mas há algo de hipnotizante nos olhos desse velho que os impede de sair. Assim, ele consegue descrever como sacrificou um albatroz em alto-mar, chegando a pendurá-lo no pescoço depois de morto; como a morte o puniu por tal sacrilégio, dizimando centenas de tripulantes de seu navio e deixando o velho sozinho e à deriva; como ele sofreu com a sede cercado d’água, numa ironia cruel (“*Water, water, everywhere, and all the boards did shrink; water, water, everywhere, nor any drop to drink*”); ele também descreve o jogo de dados com a “dona Morte” – por sinal, comandante de um navio enorme e assombroso, e com essa mesma Morte, derrotada no tal jogo, o ajudou a sair da situação de deriva “ressuscitando” os tripulantes mortos, que ajudam o pobre marinheiro a conduzir o navio de volta a terra. O retorno dos marinheiros (ainda que seus olhos não apresentassem vida alguma), aliado ao tom caótico e escuro impresso ao longo de todo o poema, nos permite associar Coleridge a outra herança de histórias de horror, além das de vampiros. É inegável que o navio desse velho marinheiro é tripulado por zumbis, e é justamente o aprendizado advindo desses confrontos constantes com a morte que fazem com que esse

velho homem sinta que deve compartilhar isto com as pessoas, tanto como forma de aviso como quanto de agradecimento. “The Rime of the Ancient Mariner” tornou-se também uma das músicas mais famosas do grupo Iron Maiden, não apenas pela sensibilidade de Bruce Dickinson e seus colegas ao traduzir o poema para o gênero musical, mas também por sua duração: mais de treze minutos.

Coleridge faleceu em 1834, em decorrência de problemas cardíacos, provavelmente devido ao uso contínuo de ópio. Ele não voltou da tumba decomposto e com olhos sem vida, assim como os homens de seu poema; na verdade, a morte física de Coleridge apenas ressaltou sua permanência entre nós como um grande poeta, cuja obra fragmentada e confusa serviu de inspiração para inúmeros escritores e movimentos artístico-literários. Assim, é inegável que se cumpriu o desejo de William Wordsworth: um poeta teve seu trabalho reconhecido através dos séculos devido aos versos constantes em *Baladas Líricas*, e seu nome é Samuel Taylor Coleridge.